

## A diaconstrução funcional [SN (SV<sub>FUNC</sub>) X]: uma descrição de incompatibilidades no contexto de aquisição de PBL2 por aprendizes surdos

The functional diaconstruction [NP(VP<sub>FUNC</sub>)X]: a description of incompatibilities in the context of L2BP acquisition by deaf learners

Roberto de Freitas Junior<sup>1</sup>

Hosana Sheila da S. Rosa Xavier<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo trata de uma pesquisa desenvolvida no âmbito da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006; Diessel, 2019; Perek, 2015) e da Gramática de Construções Diassistêmica (Höder et al 2021). A motivação para tal investigação deu-se pela percepção de que alunos surdos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade apresentam distorções nos usos da construção funcional [SN V<sub>FUNC</sub> X] com os verbos SER e ESTAR no PB. Nossa hipótese é a de que aprendizes surdos podem não ter especificada a construção funcional [SN VFUNC X] do português do Brasil como L2 – o PBL2 - (Soares & Nascimento, 2020), e suas microconstruções, mas apenas uma diaconstrução funcional [SN (SV<sub>FUNC</sub>) X], o que leva a supergeneralizações, transferências e interferências no PBL2, refletidas em problemas sistêmicos na produção escrita desses indivíduos. Para a pesquisa, de base qualitativa e quantitativa, aplicamos um teste diagnóstico (TDiag) em formato *cloze*, para verificarmos o desempenho dos aprendizes surdos, observando incompatibilidades morfossintáticas associadas à construção em foco, o que nos permitiu a caracterização de três grupos de problemas de escrita em PBL2 dos aprendizes surdos: (a) Apagamentos; (b) Preenchimentos impróprios e (c) Combinações discordantes.

**Palavras-chave:** Surdez. GCBU. GCD. PBL2.

**Abstract:** The article deals with research developed within the scope of Usage-Based Construction Grammar (Goldberg, 2006; Diessel, 2019; Perek, 2015) and Diasystematic Construction Grammar (Höder et al 2021). The motivation for this investigation was due to the perception that deaf students of different age groups and education levels present distortions in the use of the functional construction [NP VFUNC X] with the verbs SER and ESTAR in Brazilian Portuguese (BP). Our hypothesis is that deaf learners may not have specified the functional construction [NP VFUNC X] of BP (Soares & Nascimento, 2020), and its microconstructions, but only the functional diaconstruction [NP(VP<sub>FUNC</sub>) X], which leads to overgeneralizations, language transfer and interference in L2BP, that are reflected in systemic problems in the written production of these individuals. For this qualitative and quantitative research, we applied a diagnostic test (TDiag) in cloze format, to check the performance of deaf learners regarding the construction, observing morphosyntactic incompatibilities, which allowed us to characterize three groups of deaf learners' writing problems in L2BP (a) Deletions; (b) Improper fillings and (c) Discordant combinations.

**Keywords:** Deafness. UBGC. DCG. L2BP.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Letras-Libras. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: [robertofrei@letras.ufrj.br](mailto:robertofrei@letras.ufrj.br).

<sup>2</sup> Centro Interescolar Ulysses Guimarães. São Gonçalo, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: [nrosa.hosana59@gmail.com](mailto:nrosa.hosana59@gmail.com).

## Introdução

Este artigo apresenta parte dos resultados de Xavier (2023), pesquisa que surgiu a partir da observação empírica sobre a produção escrita de estudantes universitários surdos, que evidenciava domínio inconsistente, verificado no uso do Português Brasileiro (PB) escrito, da construção funcional [SN VFUNC X] (Soares; Nascimento, 2020) com os verbos SER e ESTAR.

O estudo seguiu os pressupostos do modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006; Diessel, 2019; Perek, 2015), em particular, na vertente da Gramática de Construções Diassistêmica (Höder, 2021). O primeiro modelo concebe a língua como uma rede de construções que emergem a partir da experiência de uso real com a língua e defende que a emergência da gramática é decorrente da ação de processos cognitivos de domínio geral (PCDG), como a categorização e a analogia (Bybee, 2010). O segundo, que não é um modelo à parte do primeiro, defende a existência de um *constructicon* multilíngue, emergente em situações de contato linguístico, como o da aquisição de línguas adicionais, e formado por construções línguo-específicas (idioconstruções) e construções línguo-não específicas (diaconstruções).

As ideias desenvolvidas no trabalho partem de problemas identificados em estudos anteriores que demonstram que estudantes surdos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade apresentam em suas produções escritas em PBL2 incompatibilidades gramaticais diversas (Freitas Jr. *et al.*, 2018), incluindo-se, quando os usos instanciam a construção funcional [SN VFUNC X] com os verbos *ser* e *estar* (Soares; Nascimento, 2020).

A principal hipótese da pesquisa para tais incompatibilidades baseia-se no modelo da Gramática de Construções Diassistêmica (GCD) e se refere ao fato de termos em contato duas construções funcionais [SN VFUNC X]<sup>3</sup> análogas da Libras e do PB (idioconstruções), que embora semelhantes, mantém entre si diferenças importantes. Os PCDG da analogia e categorização levam à formação de uma diaconstrução funcional [SN VFUNC X] subespecificada para tais diferenças e que explica o fato de a produção desses indivíduos afastar-se do que é testemunhado no uso nativo do PB.

Neste trabalho, portanto, descrevemos os problemas identificados nessas produções, classificando grupos sistêmicos de problemas de escrita presentes em determinada fase de aquisição dessa construção no PBL2. Para a identificação dos problemas relacionados aos usos com os verbos SER e ESTAR, aplicamos um teste diagnóstico (TDiag), que consistiu em uma atividade com a técnica Cloze e pela qual pudemos mapear três categorias de problemas de produção: apagamentos e preenchimentos indevidos de itens, além de combinações construcionais discordantes.

---

<sup>3</sup> Sentenças do tipo ‘João é legal’ e ‘Pedro está bonito hoje’ exemplificam a construção aqui instanciada. Tradicionalmente são associadas ao uso dos chamados verbos de ligação em predicações nominais diversas.

Estudos voltados para a análise e descrição da produção escrita de surdos brasileiros demonstram a emergência de um sistema linguístico com diferenças construcionais não atestadas no PB usado pela população letrada e nem na Libras (Freitas Jr. et al., 2020). Na investigação de Soares & Nascimento (2020), os autores verificam que, apesar da construção funcional [SN VFUNC X] ser usada frequentemente em PB escrito, esse padrão, por diversas vezes, não é representado de maneira consistente na gramática internalizada, o *constructicon*, de aprendizes surdos de diferentes idades e níveis escolares.

Diante disso, neste estudo, propomos descrever, por meio do TDiag, o conhecimento inicial dos aprendizes surdos a respeito do uso da construção funcional [SN VFUNC X] em uma pesquisa que aprofunda a discussão sobre representação cognitiva construcional no contexto de aquisição de línguas adicionais e que pode contribuir para futuras propostas de abordagens de ensino e produções de materiais didáticos. A pesquisa foi de orientação quantitativa e qualitativa e integra uma amostra gerada por 9 aprendizes surdos do ensino fundamental II. O teste desenvolveu-se por meio do preenchimento de lacunas, compondo 270 dados (135 com 'ser' e 135 com 'estar'), associados à instanciação da construção funcional [SN VFUNC X] mas não apenas, já que havia demais sentenças com os verbos SER e ESTAR que não se referiam a outros padrões construcionais.

Na sequência, apresentamos as etapas de desenvolvimento da pesquisa em tela, a saber, o estudo de seus referenciais teóricos, a apresentação de sua trajetória metodológica, a descrição de seus resultados. Por fim, concluímos com nossas considerações finais.

## Referencial teórico

Apresentamos nesta seção as questões teóricas que permeiam a pesquisa. Para tanto, destacamos alguns pontos iniciais relevantes para melhor entendimento, por parte do leitor, sobre o desenvolvimento do trabalho. Enfocamos a construção funcional [SN VFUNC X] pela perspectiva construcional baseada no uso, via Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), em particular, pelos aspectos da GCD, que consideram a língua objeto resultante de um processo dinâmico, em que atuam habilidades cognitivas de domínio geral em interação com o papel desempenhado pela experiência linguística, ou seja, pelo uso e frequência com que acontecem as questões gramaticais, em perspectiva emergentista de aquisição de L2.

A GCBU consiste em um modelo de gramática que defende que o conhecimento linguístico é concebido como uma rede de construções, cuja emergência deriva da atuação de PCDG e da experiência real com o uso da língua. O modelo, portanto, discorda de postulados que desconsideram impactos do uso linguístico na representação mental da língua e que defendem a existência de uma cognição específica para a linguagem ou uma divisão modular das áreas da gramática

Sabe-se que a pergunta fundamental feita por linguistas é a que se refere ao que sabemos, quando sabemos uma língua. Para pesquisadores adeptos do gerativismo, por exemplo, saber uma língua é conhecer uma lista de palavras e regras de derivação sintática e interpretação semântica. Para pesquisadores adeptos da perspectiva construcional, saber uma língua é ter representado cognitivamente um inventário de unidades simbólicas, pareamentos forma-função, as construções gramaticais. Em suma, em uma abordagem construcional, o conhecimento linguístico internalizado apresenta-se como “um componente momentâneo, cuja emergência está condicionada ao recrutamento de processos cognitivos de domínio geral e a aspectos do uso frequente de construções” (Soares; Nascimento, 2020, p. 139).

A construção é entendida como uma associação simbólica convencionalizada, um pareamento de forma (de base sintática, morfológica e fonológica) e sentido (de base semântica, pragmática e discursiva-funcional). De acordo com Goldberg (1995), “A noção de construção tem um lugar consagrado na linguística”<sup>4</sup> (p. 1). A autora traz a construção ao seu lugar de direito, “o centro do palco”, acrescentando que ela deve ser reconhecida como entidade teórica. É de grande relevância a definição de construção para essa pesquisa, visto a necessidade de considerarmos os pareamentos de forma/significado do PB como unidades linguísticas a serem internalizadas pelos estudantes surdos, considerando-se a relação com as construções pré-existentes, da Libras como L1, pré-existentes na gramática desses aprendizes.

Para a GCBU não existe uma divisão rígida entre léxico e gramática, esse desmembramento é desfeito “num continuum chamado *léxico-sintaxe*, visto que a noção de construção comporta tanto itens de domínio lexical, quanto itens que variam em graus de esquematicidade e abstração de natureza gramatical” (Diniz, 2022, pp. 21-22). Assim, a gramática, o *constructicon*, é concebida como uma rede interconectada, de um lado, por pareamentos de ordem lexical-idiomática e, de outro, por pareamentos de ordem fonológica e morfossintática.

### **Uma visão construcional baseada no uso sobre aquisição de L2**

A GCBU se alinha à visão emergentista de aquisição, considerando que habilidades sociocognitivas são recrutadas na aquisição de uma língua e que a estrutura linguística emerge a partir de interações de uso da língua (Freitas Jr & Mello, 2020). Além do mais, esse modelo se coaduna com postulados que defendem a não separação entre a aprendizagem de língua e de outras aprendizagens de domínio geral, portanto, posto que não há nada de singular no aprendizado da linguagem, já que ela se desenvolve essencialmente da mesma

---

<sup>4</sup> Do original em inglês: “The notion of construction has a time-honored place in linguistics”.

forma que outras funções cognitivas, não linguísticas.

Quando assumimos a atuação de PCDG na aprendizagem/aquisição de linguagem, apresentamos um “ir além” do foco apenas na estrutura linguística e formulamos, assim como sugerido em Bybee (2010), um objetivo mais amplo de uma teoria da linguagem que enfoca os processos dinâmicos que supostamente, atuariam em outras áreas da cognição humana, que não são específicos da linguagem, que criam as línguas e que conferem a elas sua estrutura e sua variância.

O aprendizado de uma língua é visto, assim, como aprendizado de construções: da identificação de seus contextos de uso e das regras de combinações construcionais. Assim, em uma visão centrada no uso, a separação entre aquisição de uma L1 e aprendizagem de uma L2 não é possível, visto que uma ou outra gramática é conhecimento de mesma natureza e que emerge pela atuação frequente dos mesmos processos cognitivos. À vista disso, essa perspectiva desestrói a divisão clássica entre os conceitos de aquisição e aprendizagem, uma distinção que se sustenta apenas “em um modelo que prevê a existência de um período crítico para o desenvolvimento da linguagem, segundo o qual uma L2 não poderá ser adquirida e sim aprendida” (Nascimento, 2020, p. 33).

A GCBU considera que o uso linguístico frequente, as experiências socioculturais e as habilidades cognitivas de domínio geral atuam na aprendizagem de L1 e de L2. Nesse sentido, é importante pensarmos que a realidade do contato linguístico, ou seja, da coexistência de dados linguísticos oriundos de diferentes línguas há de impactar de modo particular a aquisição gramatical, como acreditam os adeptos da GCBU.

O bi/multilinguismo apresenta-se como realidade em todo o mundo. A GCD é uma abordagem construcionista baseada no uso para situações de contato linguístico e que se baseia na ideia de que o conhecimento linguístico dos falantes inclui unidades específicas e não específicas do idioma a ser adquirido.

Höder *et al.* (2021) enfatizam que o indivíduo bi/multilíngue possui uma gramática emergente, integrada (L1, L2, L3...) e que o conhecimento de uma L2, afeta e sofre impacto das línguas *a priori* adquiridas. Nessa perspectiva, a GCD “não se ocupa em analisar exclusivamente o *constructicon A* e/ou o *constructicon B*” (Diniz, 2022, p. 40), mas o investiga como uma estrutura única, o *constructicon multilíngue*.

Sobre esse ponto, Freitas Jr *et al.* (2022) ressaltam que um dos grandes questionamentos está relacionado a como falantes multilíngues organizam cognitivamente experiências envolvendo o uso simultâneo de diversos idiomas. Nesse sentido, defendem

[...] a possibilidade de que indivíduos multilíngues não sejam portadores de gramáticas individuais referentes às diferentes línguas por eles utilizadas. Ao contrário, seriam falantes cujo repertório linguístico é consubstanciado por exemplares coexistentes de duas ou mais línguas, ou experiências

linguísticas, formadores de uma única gramática multilíngue, uma única rede de construções: o *constructicon* multilíngue (Freitas Jr. et al., 2022, p. 612).

Os pesquisadores descrevem algumas situações que evidenciam o conceito de *constructicon* multilíngue, tradicionalmente, associados ao contexto de aquisição de L2, como a interferência/ transferência linguística e a generalização/ supergeneralização. Eles asseveram que essas situações estão atreladas a efeitos de, entre outras causas, “analogização” e são observados na produção gramatical em diferentes situações de contato” (Freitas Jr. et al., 2022, p. 614). Assim, falantes bilíngues/multilíngues apresentam uma gramática internalizada na forma de rede de (i) idioconstruções (construções línguo-específicas) e (ii) diaconstruções (construções línguo-não específicas). As primeiras referindo-se à representação cognitiva de itens específicos de cada língua falada pelo falante bilíngue (no caso de surdos bilíngues Libras-PB, itens específicos da Libras e do PB), a segunda apresenta-se como resultado da identificação interlingual entre construções análogas dos dois sistemas.

Em suma, os autores defendem que o processo cognitivo de analogia, responsável pela identificação interlingual de construções semelhantes, faz com que os falantes generalizem, via categorização, um item diassistêmico, ou seja, uma construção mais abstrata que mantém em uma única representação traços formais e funcionais das construções análogas observadas nas línguas em contato (Freitas Jr et al, 2022, p. 616).

### A construção funcional [SN VFUNC X] no contexto de aquisição de PBL2: estudos prévios

No presente artigo, apresentamos resultados de pesquisa, na qual investigamos a construção funcional [SN VFUNC X] no contexto de aquisição de PBL2 de aprendizes surdos, uma diaconstrução, por ser uma representação emergente a partir do encontro das construções funcionais análogas do PB e da Libras na gramática internalizada desses aprendizes. Como hipótese, defendemos que as produções desviantes em PBL2 de surdos poderiam ser explicadas a partir do choque entre as construções da L1 e da L2.

Ao falarem sobre a representação cognitiva de construções funcionais do PB em crianças e adultos surdos, Soares & Nascimento (2020) evidenciam que esses padrões apesar de serem usados frequentemente em PB, ainda são inconsistentes no *constructicon* desses aprendizes, tanto em marcas flexionais, quanto no que tange à escolha do item verbal por sua base semântica.

Para a condução de sua investigação, os autores inicialmente fazem um mapeamento construcional do esquema funcional [SN VFUNC X] no PB e apresentam quatro microconstruções, de propriedades formais e funcionais próprias, ligadas ao padrão mais abstrato da construção funcional [SN VFUNC X]: as microconstruções apresentacional, equativa, atributiva relativa e atributiva simples. Abaixo, apresentamos um quadro que resume

as características desses pareamentos:

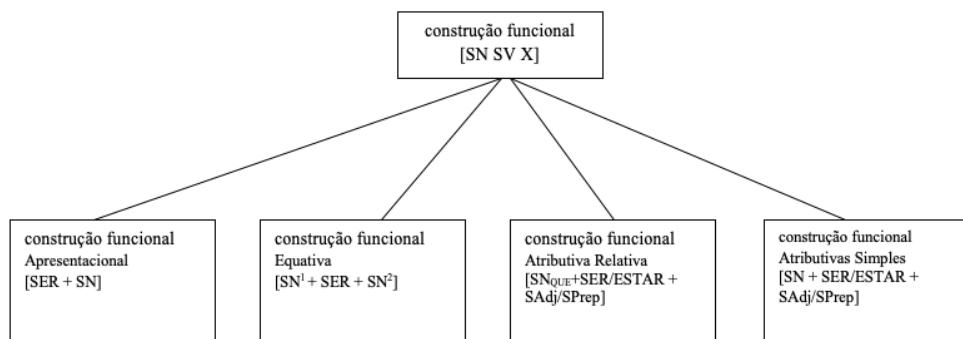
Quadro 1 – A construção funcional [SN SVFUNC X] e suas microconstruções

Tipo de Construção	Representação Morfossintática	Configuração semântica	Exemplo (TDiag)
Apresentacional	[SER + SN]	O verbo funcional é impessoal inicia a construção e o sintagma nominal único com frequência é indeterminado, conforme descrição de Castilho (2010).	<u>Era</u> uma vez uma menina.
Equativa	[SN <sup>1</sup> + SER + SN <sup>2</sup> ]	Estabelece uma relação de igualdade ou de identificação entre o sujeito e o equativo que não o predica.	Seu nome <u>é</u> Chapeuzinho Vermelho.
Atributiva Relativa	[SN <sub>QUE</sub> +SER/ESTAR + SAdj/SPrep]	Qualifica o sujeito em estados que podem ser constantes, adquiridos ou resultativos ou o localiza no espaço. Os sintagmas adjetival e preposicional são os responsáveis pela predicação.	O lobo que <u>era</u> veloz.
Atributivas Simples	[SN + SER/ESTAR + SAdj/SPrep]		Chapeuzinho <u>estava</u> na floresta. Ela <u>está</u> doente.

Fonte: Adaptado de Xavier ( 2023).

Na sequência, segue a rede construcional que representa o conhecimento linguístico armazenado e sobre o qual faz referência o quadro acima:

Figura 1 – A rede construcional funcional [SN VFUNC X]



Fonte: Elaboração Própria.

Diferentemente do PB, a Libras é tradicionalmente reconhecida como uma língua que não realiza morfofonologicamente o verbo SER e ESTAR, as sentenças sendo compostas apenas por sujeito e predicativo, como nos exemplos “Eu bonit@” e “Hoje você bonita@” (Godoy, 2022).

O fato, obviamente, de os verbos não serem usados na LIBRAS não interfere na interpretação de sentenças. Assim, podemos afirmar que o esquema funcional [SN VFUNC X]

desta língua apresentaria subespecificação fonológica do item verbal. O estudo de Soares & Nascimento (2020), no qual se baseia o presente trabalho, entretanto, apresenta a recorrência de uso do sinal <É> em dados da Libras, um fenômeno decorrente do contato linguístico da Libras com o PB. O contato afeta a representação cognitiva de usuários mais novos desta língua, que passam a apresentar com certa frequência o uso da forma <É>, tanto na fala, quanto na representação escrita. Assim, os autores sugerem que em textos em PBL2 escritos por surdos a realização da forma verbal para ‘ser’ e ‘estar’ é na realidade facultativa, a depender de diversos fatores. Assim, em termos construcionais, sincronicamente, a melhor representação formal para a construção funcional (copulativa) na Libras é [SN (V/Ø) X], na qual o slot verbal aparece não preenchido, mas como uma possibilidade de uso já frequentemente atestada.

Uma breve observação de dados reais de produção de aprendizes surdos de PBL2 evidencia o fenômeno. A seguir, apresentamos alguns dados de produção desses aprendizes, em nível de graduação, que exemplificam os pontos discutidos pelos autores:

- (1) Meu sonho Ø estudar GALAUDET.
- (2) A porta sete anões cama é Branca de Neve.

Em breve análise dos dados, vemos que em (1) há o apagamento do verbo funcional (VFUNC). Sobre esta questão, a posição dos autores é a de que “a ausência dos verbos funcionais pode ser um indicativo de inconsistências em relação não só à forma, mas principalmente aos significados dos verbos” (p146). Em (2) os autores observam a troca da forma está por é no preenchimento da posição do VFUNC. Em ambos os casos, atestam inconsistências regulares acerca dos usos dos verbos associados à construção funcional, seja por apagamentos, seja por trocas indevidas de itens verbais.

Os autores conduziram a pesquisa, investigando textos escritos por aprendizes surdos da educação básica e do ensino superior. Na análise, quantificaram as ocorrências de VFUNC, preenchidas, ou não, e com ou sem divergências, identificando na amostra de 10 narrativas de alunos de ensino fundamental apenas 12 preenchimentos da posição VFUNC, sendo 11 correspondentes ao verbo SER, dos quais 9 sendo formas de primeira e segunda pessoas do singular do presente do indicativo e 22 sequências sem o slot de VFUNC preenchido. Concernente à amostra de 48 textos (orelha de livro e mensagens) de aprendizes de ensino superior, Soares & Nascimento (2020) identificaram 42 (100%) preenchimentos da posição VFUNC referentes ao verbo ser, 31 (74%) assumindo a forma <É> e 26% ocorrendo com as formas era, será, foi e sou. Ilustramos a seguir alguns exemplos da investigação concernentes a esta etapa:

(1) (...) Eu, L, é seu aluno (...). (preenchimento do *slot* do VFUNC com divergência).

(2) O cisne disse: – você não é feio. (preenchimento do *slot* do VFUNC sem divergência) (3) Eu, MC, tenho 22 anos,  $\emptyset$  estudante. (não preenchimento do *slot* do VFUNC) .

O estudo de Soares e Nascimento (2020) analisou também os núcleos do SN de função SUJEITO e observaram uma frequência de 90% do *chunk* [SN+ é], em que a posição do SN é preenchida por (i) pronomes pessoais (*ele*, *ela* e *você*), (ii) nomes de pessoas e (iii) sintagmas nominais de núcleo ‘substantivo’ com traço [+ animado]. Segundo os autores, o *chunk* [SN+ é] é altamente frequente no PB e pelo contato linguístico Libras-PB já estaria entrincheirado em algum grau na memória do aprendiz de PBL2, como evidenciam os exemplos dos pesquisadores:

(6) Ele é professor [...] (grupo B)

(7) Fabrícia é muito legal que maravilhosa. (grupo B)

(8) O segundo patinho nasceu é amarelo. (grupo A)

Os dados também mostraram que o traço semântico de animacidade do sujeito pode estar relacionado à percepção do padrão [SN + é], visto que, *chunks* com sujeitos mais animados apresentaram menos *slots* verbais vazios, enquanto aqueles que têm sujeitos menos animados apresentaram mais de 50% de *slots* verbais não preenchidos:

(9) Não conseguir ler e escrita  $\emptyset$  mais difícil porque não tem interesse dentro de texto [...].

(10) Meu sonho  $\emptyset$  estudar GALAUDET [...].

(11) Projeto  $\emptyset$  pesquisar Libras Durante 2 anos.

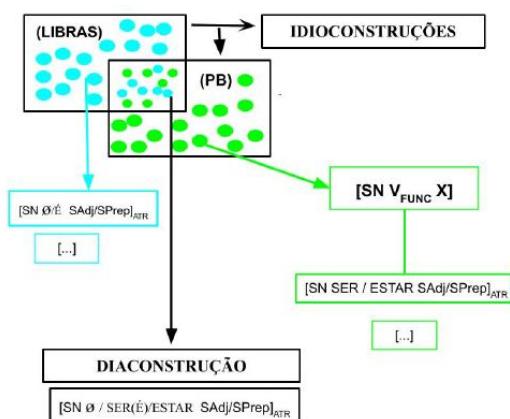
(12) Meu curso  $\emptyset$  Letras-Libras e 3º período.

Os resultados da pesquisa dos autores mostram evidências de que aprendizes de PBL2 surdos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade ainda demonstram instabilidade na representação da construção funcional [SN VFUNC X], mesmo após vários anos de escolaridade. Nosso estudo inspira-se em termos teóricos e práticos na pesquisa de Soares & Nascimento (2020), posto que segue a visão construcionista baseada no uso dos autores e busca descrever problemas de produção escrita desses aprendizes acerca da construção funcional [SN VFUNC X].

A presente pesquisa, entretanto, busca diálogo direto com a GCD na tentativa de ilustrar a natureza do *constructicon* em situação de contato linguístico, mapeando os

problemas encontrados, buscando entender características da L1 e da L2 que podem estar a eles relacionadas, mas com uma explicação apoiada na relação entre idioconstruções e diaconstruções que interagem na trama da rede construcional do usuário bilíngue Libras-PB. A figura abaixo ilustra o que entendemos por constructicon multilíngue. Nelas identificamos, em um primeiro momento a presença de idioconstruções funcionais da Libras e do PB, as quais, em segundo momento, em decorrência do contato Libras-PB, tornam-se uma única construção mais abstrata e subespecificada para traços formais e funcionais: a diaconstrução funcional [SN (SVFUNC) X]:

Figura 2– A diaconstrução funcional [SN (SVFUNC) X]



Fonte: Adaptado de Xavier (2023).

## Metodologia

### O Teste Diagnóstico (TDiag)

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa e quantitativa. Para verificarmos o conhecimento dos estudantes sobre o uso da construção funcional [SN VFUNC X], elaboramos e aplicamos o TDiag em um grupo de 9 estudantes surdos usuários de Libras-PB matriculados no ensino fundamental II.

Para a elaboração do TDiag utilizamos a técnica didática *cloze*. A proposta inicial dessa técnica é verificar a legibilidade/inteligibilidade de um texto, através do preenchimento de lacunas a cada cinco palavras de um conjunto textual. Soares (2018) propõe a aplicação do *cloze* como um instrumento de investigação de processos cognitivos subjacentes à aquisição de línguas e propõe que essa técnica seja aplicada ao ensino de PB para surdos, para proporcionar o desenvolvimento metacognitivo e a proficiência na L2 desse público.

Na sequência, apresentamos um trecho do TDiag, preenchido com o devido gabarito e com os comandos, ou seja, os itens verbais no infinitivo, que deveriam ser usados pelos alunos adequando-os às demandas de flexão de tempo e número:

Figura 3 – Trecho do TDdiag



Fonte: <<https://bit.ly/3Fcm8SH>>.

Quando Chapeuzinho Vermelho chegou na casa da avó, a porta estava (estar) aberta. Ela entrou (entrar) e percebeu algo estranho. A vovó estava diferente. Chapeuzinho falou:

- Nossa, Vovó! Suas orelhas estão (estar) grandes!
- É (ser) para te escutar (escutar) melhor! – o lobo respondeu, disfarçando a voz.
- Puxa, Vovó, seus olhos estão grandes!
- São (ser) para te ver (ver) melhor!
- Vovó, suas mãos estão (estar) enormes!
- São (ser) para te tocar melhor! – o lobo disse.
- Uau, Vovó, que boca enorme você tem (ter)! – exclamou Chapeuzinho Vermelho.
- É (ser) para te comer melhor!!!

O lobo gritou, pulou fora da cama e perseguiu Chapeuzinho pela floresta!

Fonte: Adaptado de Xavier (2023).

Antes da aplicação do TDdiag foi necessária a prévia autorização da Fundação Municipal de Educação (FME) de Niterói junto ao Núcleo de Estágios (NEST), setor responsável pela autorização de execução de pesquisas no âmbito do município de Niterói. Os alunos apresentam faixa etária entre 13 e 16 anos e a maioria cursou o Ensino Infantil em escola regular e o ensino fundamental em escola regular bilíngue. Participaram do estudo 3 alunos do 6º ano, 2 do 7º ano e 4 do 8º ano. Observamos, ainda, que a maioria dos participantes do estudo nasceu surda, possuía surdez profunda e não fazia acompanhamento com fonoaudiólogo. Além do mais, 100% das famílias são de ouvintes e apenas alguns de seus integrantes usavam Libras. Todos os nove alunos usam a Libras em sua comunicação, porém alguns a usam juntamente ao português (oral ou escrito).

O TDdiag foi composto por 270 lacunas, que deveriam ser preenchidas com usos diversos dos verbos SER e ESTAR. Dos 270 dados, havia usos diversos com os verbos SER e ESTAR, não apenas aqueles que instanciariam o conhecimento construcional acerca do esquema funcional [SN VFUNC X]. Assim, apenas 119 dados referiram-se diretamente ao objeto de pesquisa apresentado no presente artigo.

O teste objetivou verificar os conhecimentos prévios dos alunos quanto ao uso da construção [SN VFUNC X]. Baseados nos achados de Soares & Nascimento (2020) e de Freitas Jr *et al* (2018), sobre a natureza dos desvios detectados em textos escritos em PBL2 de aprendizes surdos, foram observadas três categorias de problemas gerados pelo choque construcional aqui avaliado. Em suma, assumimos a emergência da diaconstrução funcional [SN VFUNC X], subespecificada para aspectos específicos da L1 e da L2, o que pode levar a

problemas de supergeneralização, transferências e interferências observáveis em três tipos de problemas, a saber:

- (a) Apagamentos: quando o *slot* de VFUNC não é preenchido;
- (b) Preenchimentos impróprios: quando o *slot* de VFUNC é preenchido por itens verbais diferentes de *ser* e *estar* ou outros;
- (c) Combinações discordantes: quando há problema de concordância verbal de número e/ou pessoa.

O quadro abaixo apresenta exemplos das incompatibilidades acima especificadas.

Quadro 2 – Exemplos de incompatibilidades morfossintáticas (TDiag)

EXEMPLOS DE INCOMPATIBILIDADES MORFOSSINTÁTICAS NO TDiag	
Categoria	Exemplos
Apagamentos	(1) o lobo, que [ <u>ø</u> (ser)] veloz. (Inf. H/ 8º ano) (2) “sua vovó [ <u>que ø</u> (estar) <u>doente</u> ]”. (Inf. G/ 8º ano)
Preenchimento impróprio	(1) [Onde <u>ela</u> (ser)] a casa da sua avó? (Inf. E/ 7º ano) (2) [ <u>a porta</u> <u>bater</u> (estar)] aberta. (Inf. A/ 6º ano)
Combinações discordantes	(1) [ <u>Seu nome</u> <u>sou</u> (ser)] Chapeuzinho. (Inf. H/ 8º ano) (2) [ <u>Ela</u> <u>estou</u> ] doente. (Inf. G/ 8º ano)

Fonte: Xavier (2023).

## Análise de Dados

O TDiag foi composto por 270 lacunas, das quais apenas 144 instanciavam o esquema funcional [SN VFUNC X] e 126 eram lacunas distratoras com diferentes construções associadas aos verbos SER e ESTAR. O TDiag evidenciou que os alunos surdos participantes da pesquisa demonstram altos índices de usos inconsistentes dos verbos SER e ESTAR em diversos tipos de construção, apesar de já estarem há alguns anos em período de escolarização.

Do total de dados, verificamos que 217 ocorrências (80,3%) foram de usos incompatíveis com o que se espera no PB e que apenas 53 (19,6%) dos usos foram compatíveis com a aceitabilidade/gramaticalidade de sentenças em PB. Como dito, dos 270 dados 144 (53,3%) envolviam a construção funcional [SN VFUNC X], manifestada em suas quatro microconstruções. O quadro abaixo apresenta esta distribuição:

Tabela 1 – Quantidade de dados por construção funcional lacunada no TDdiag

MICROCONSTRUÇÃO	QUANTIDADES
Apresentacional	9
Equitativas	36
Atributiva Relativa	27
Atributiva Simples	72

Fonte: Adaptado de Xavier (2023).

Do total geral de incompatibilidades do teste, 217 ocorrências, contabilizamos 119 casos de instanciações incompatíveis da construção funcional. Tais dados referem-se a problemas de apagamentos, preenchimentos impróprios e combinações construcionais discordantes, como já dito, e representaram 54,8% do total de incompatibilidades. Por outro lado, do total geral de dados que instanciavam a construção funcional (144) esta relação se mostrou ainda mais significativa, já que as incompatibilidades representaram 82,6% do total de dados.

A relação observada entre os percentuais de incompatibilidades no quadro geral de dados e no quadro específico de dados que instanciavam a construção funcional [SN VFUNC X] indica a importância da problemática da questão da internalização dessa construção no contexto de aquisição do PBL2 para surdos,

Observamos na tabela 2 esse quantitativo, por microconstrução funcional:

Tabela 2 – Quantidade de incompatibilidades por construção funcional lacunada no TDdiag

MICROCONSTRUÇÃO	INCOMPATIBILIDADES
Apresentacional	3
Equitativas	32
Atributiva Relativa	23
Atributiva Simples	61

Fonte: Adaptado de Xavier (2023).

Observamos, na tabela acima, que dos 119 dados incompatíveis, relativos ao esquema funcional [SN VFUNC X], três (3/9<sup>5</sup>) foram produzidos na construção apresentacional, trinta e dois (32/36) na construção equativa, vinte e três (23/27) em atributivas relativas e sessenta e uma (61/72) em atributivas simples. A análise da proporcionalidade de índices de incompatibilidades por microconstrução revela altíssimos índices de desvios, em particular, nos grupos das microconstruções equativa, atributiva

---

<sup>5</sup> Relação número de incompatibilidades/total de dados.

relativa e atributiva simples. Vejamos:

Tabela 3 – Proporção de incompatibilidades por construção funcional no TDiag

MICROCONSTRUÇÃO	ÍNDICES DE INCOMPATIBILIDADE
Apresentacional	33,3%
Equitativas	88,8%
Atributiva Relativa	85,2%
Atributiva Simples	84,7%

Fonte: Elaboração Própria.

Como vemos, os índices gerais de incompatibilidades no lacunamento de dados que instanciavam a construção funcional [SN VFUNC X] destacaram-se em todos os grupos, com exceção da microconstrução apresentacional, que ainda assim apresentou mais de 30% de erros. Conforme defendido ao longo do artigo, pela perspectiva da GCD, tais índices estariam relacionados ao fato de os indivíduos participantes da pesquisa ainda terem representada cognitivamente a diaconstrução funcional [SN (SVFUNC) X], subespecificada para especificidades formais e funcionais das construções funcionais análogas na Libras e no PB, o que leva aos erros, aos fenômenos de apagamentos, trocas e combinações discordantes de itens.

#### Evidências de incompatibilidades morfossintáticas na microconstrução Apresentacional

Na construção funcional Apresentacional verificamos 9 dados, dentre os quais 3 eram incompatíveis. Nessa microconstrução houve 1 caso de *Preenchimento impróprio*, 2 ocorrências de *combinações discordantes* e nenhum caso de *apagamento*, vejamos:

Tabela 4: Incompatibilidades morfossintáticas na microconstrução Apresentacional

INCOMPATIBILIDADES MORFOSSINTÁTICAS NA MICROCONSTRUÇÃO APRESENTACIONAL	
Apagamentos	0
Preenchimentos impróprios	1
Combinações discordantes	2
Total	3

Fonte: Elaboração Própria.

Os dados abaixo ilustram os usos divergentes na construção funcional Apresentacional, respectivamente casos de *Preenchimentos impróprios* e de *combinações*:

- (13) Ela (ser) uma vez uma menina.  
(14) Ser (ser) uma vez uma menina.

### Evidências de incompatibilidades morfossintáticas na microconstrução Equativa

Verificamos, também, dados discordantes na microconstrução Equativa. Nesse micropadrão identificamos um total de 32 ocorrências: 8 *apagamentos*, 13 *preenchimentos impróprios* e 11 *combinações discordantes*, conforme a tabela a seguir.

Tabela 5: Incompatibilidades morfossintáticas na microconstrução Equativa

INCOMPATIBILIDADES MORFOSSINTÁTICAS NA MICROCONSTRUÇÃO EQUATIVA	
Apagamentos	8
Preenchimentos impróprios	1 3
Combinações discordantes	1 1
Total	3 2

Fonte: Elaboração Própria.

Dentre as 32 ocorrências geradas pelos aprendizes de L2, transcrevemos algumas na tabela abaixo para fins de ilustração dessas incompatibilidades.

Tabela 6: Amostra de ocorrências na microconstrução Equativa

AMOSTRA DE OCORRÊNCIAS NA MICROCONSTRUÇÃO EQUATIVA	
Apagamentos	(15) Eu <u>ø</u> Chapeuzinho. (16) Ela <u>ø</u> chamada assim porque sempre estava om uma capa vermelha. (17) O lobo não <u>ø</u> era mais um perigo para eles.
Preenchimentos impróprios	(18) Seu nome <u>eu</u> Chapeuzinho Vermelho. (19) Seu nome <u>Chapeuzinho</u> (ser) Chapeuzinho Vermelho. (20) Seu nome ( <u>escreveu o próprio nome</u> ) (ser) Chapeuzinho Vermelho. (21) Ela <u>ou</u> chamada assim porque sempre estava om uma capa vermelha.
Combinações discordantes	(22) Seu nome <u>ser</u> Chapeuzinho Vermelho. (23) Ela <u>ser</u> chamada assim porque sempre estava om uma capa vermelha. (24) Seu nome <u>sou</u> Chapeuzinho Vermelho.

Fonte: Elaboração Própria.

### Evidências de incompatibilidades morfossintáticas na microconstrução Atributiva

Dos 99 dados que instanciam a microconstrução Atributiva, encontramos 72 associados à Atributiva Simples e 27 associados à Atributiva Relativa. Na tabela a seguir

apresentamos o quantitativo total de dados incompatíveis contabilizados na microconstrução Atributiva:

Tabela 7: Incompatibilidades morfossintáticas na microconstrução Atributiva

	Apagamentos	Preenchimentos impróprios	Combinações discordantes	Total de ocorrências
Atributiva Simples	8	16	37	61
Atributiva Relativa	4	6	13	23
Total	12	22	50	84

Fonte: Elaboração Própria.

No conjunto, identificamos 84 incompatibilidades, das quais 8 apagamentos, 16 preenchimentos impróprios e 37 combinações discordantes na Atributiva Simples e 4 apagamentos, 6 ocorrências de Preenchimento impróprio e 13 exemplares de combinações discordantes na Atributiva Relativa.

A partir da leitura da tabela acima, observamos 50 dados de combinações discordantes, o que evidencia um quantitativo expressivo com relação às demais ocorrências. Além disso, verificamos 22 incompatibilidades de preenchimentos impróprios e 12 apagamentos totalizando assim, 84 divergências na microconstrução Atributiva. Na tabela 8 observamos alguns exemplares retirados do *corpus*:

Tabela 8: Amostra de ocorrências na Atributiva Simples

<b>AMOSTRA DE OCORRÊNCIAS NA MICROCONSTRUÇÃO ATRIBUTIVA SIMPLES</b>	
Apagamentos	(25) [...] Ela <u>ø</u> (estar) doente. (26) A vovó <u>ø</u> (estar) diferente.
Preenchimentos impróprios	(27) Quando Chapeuzinho <u>ela</u> (estar) na floresta. (28) Onde <u>ou</u> a casa da sua avó
Combinações discordantes	(29) Seus olhos <u>ou</u> grandes. (30) Suas mãos <u>ela</u> (estar) enormes.

Fonte: Elaboração Própria.

Nas tabelas 9 observamos dados retirados do *corpus* sobre a microconstrução relativa:

Tabela 9: Amostra de ocorrências na Atributiva Relativa

<b>AMOSTRA DE OCORRÊNCIAS NA MICROCONSTRUÇÃO ATRIBUTIVA RELATIVA</b>	
Apagamentos	(31) [...] para sua vovó que <u>ø</u> (estar) doente. (32) O lobo, que <u>ø</u> (ser) veloz.
	(33) Para sua avó que <u>ela</u> (estar) doente.

Preenchimentos impróprios	(34) Conseguiram salvar a velhinha que est <u>est</u> presa dentro do armário.
Combinações discordantes	(35) Para sua avó que <u>estou</u> (estar) doente. (36) Conseguiram salvar a velhinha que est <u>ou</u> presa dentro do armário.

Fonte: Elaboração Própria.

Com os exemplos acima, observamos que a adição de novos conhecimentos linguísticos, via L2, implica algum grau de integração com construções pré-existentes (Höder *et al*, 2021a) na reorganização gramatical de base construcional: um fenômeno que leva ao surgimento gradual do *Constructicon* multilíngue, em que a L2 é representada em parte por idioconstruções e em parte por diaconstruções.

### Considerações finais

A pesquisa mostra, por uma perspectiva do contato entre o par linguístico (Libras-PB), que sujeitos bilíngues (no caso, os alunos surdos) escolhem elementos que consideram apropriados para uma dada situação comunicativa, a partir de motivações diversas como, e principalmente, a frequência de uso de determinado item em uma ou outra língua. O grau de consolidação de construções na gramática bilíngue afeta diretamente as escolhas dos aprendizes.

Exemplificando, em diversos exemplos, detectamos o uso supergeneralizado de verbos na forma infinitiva, dado ao fato de que na L1 desses aprendizes, a Libras, não há uso de verbos flexionados, usando-se a mesma forma infinitiva para as diversas situações de tempo e modo verbais. Da mesma forma, itens que ocorrem com maior frequência, e por quaisquer motivos, na L2 foram candidatos a serem eleitos, aleatoriamente, no teste *Cloze*, provavelmente devido ao impacto do uso frequente e consequente registro mais consolidado de certas formas escritas, a despeito, inclusive, de seus significados, o que também pode levar a problemas de supergeneralização.

Assim, do ponto de vista da GCD, as ocorrências evidenciam a existência de um *Constructicon* multilíngue, cujo correlato epistemológico é motivado pela afirmação geral de que a aquisição e organização do conhecimento linguístico são processos regidos tanto por processos cognitivos de domínio-geral, como pela abstração e generalização com base na similaridade percebida entre construções das línguas envolvidas, quanto por outros fatores como a frequência de entrada, a saliência e outros que impactam a estruturação da gramática e que podem explicar boa parte dos problemas de aprendizagem evidenciados, no caso aqui, em textos escritos de surdos aprendizes de uma L2 escrita (Höder, *et al*, 2021).

Por uma concepção funcional cognitiva da linguagem, conjecturamos que os dados aqui apresentados evidenciam os fenômenos típicos subjacentes ao aprendizado de uma L2.

A análise desses fenômenos presumivelmente contribuirá para futuras pesquisas que visem o ensino de palavras expressões e padrões (ou construções) do PB considerando que o ensino/aprendizagem de uma língua integra uma rede de idioconstruções e diaconstruções que emergem a partir da experiência de uso concreto da língua e da atuação de habilidades cognitivas de domínio geral.

## Referências

- BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.
- DIESSEL, H. **The Grammar Network**: How language structure is shaped by language use. Cambridge: University Press, 2019.
- DINIZ, R. S. **Contato linguístico em traduções da Libras para o português escrito**: análise, descrição e funcionamento do constructicon multilíngue. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.
- FREITAS Jr., R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S.; XAVIER, H.S. Será um grande de aprendizado: uma análise descritiva dos aspectos linguísticos da escrita de surdos em PBL2 – interfaces entre textualidade, uso e cognição no estado de interlíngua. **Pensares em Revista**, v. 1, 2018.
- FREITAS Jr., R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO. J. P. S. (org.). **Aprendizes surdos e escrita em L2**: reflexões teóricas e práticas. 1. ed. Rio de Janeiro: PPGLEN / Faculdade de Letras, 2020. p.130-142.
- FREITAS Jr., R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P da S.; SILVEIRA, V. L. V. da S. A gramática de construções diassistêmica: uma abordagem aquisicional baseada no uso. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 606-634, 2022.
- GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GODOY, C. B. **A emergência do sinal <é> no constructicon bi/multilíngue de surdos**: evidências de diaconstruções. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- HÖDER, S.; PRENTICE, J.; TINGSELL, S. Acquisition of additional languages as reorganization in the multilingual constructicon. In: BOAS, H.C.; HÖDER, S. (org.). **Constructions in Contact 2**. Language change, multilingual practices, and additional language acquisition (Constructional Approaches to Language). Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2021.
- MELO, M.; FREITAS Jr., R. Aquisição de linguagem e modelos baseados no uso. In: FREITAS Jr., R.; SOARES, L. A.; NASCIMENTO, J. P (org.). **Aprendizes surdos e escrita em L2**: reflexões teóricas e práticas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2020. Disponível em: <https://corpusneis.wixsite.com/home/ebook>.

NASCIMENTO, J. P. **A escrita infantil de surdos de primeira geração**: um estudo cognitivo-funcional sobre o recrutamento de processos mentais de domínio geral na aquisição de PBL2. Monografia (Curso de Letras – Português/Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

PEREK, F. **Argument structure in Usage-Based Construction Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

SOARES, L. A. A. **A emergência de um sistema de competidores**: um estudo cognitivo-funcional dos processos mentais subjacentes ao desenvolvimento do PBL2 em surdos universitários. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J.P. Evidências sobre a representação cognitiva de construções funcionais do PB em crianças e adultos surdos. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 135–154, 2020.

XAVIER, H. S. **Uma perspectiva construcional para o ensino de PB para surdos**: os verbos SER e ESTAR em foco. 2023. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

## Sobre os autores

*Roberto de Freitas Junior*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6237-1040>

Graduado em Português/Inglês pela UFRJ, especialista em Língua Inglesa pela PUC-Rio, mestre e doutor em Linguística pela UFRJ. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado pela Universidade de Birmingham (Inglaterra). Professor Adjunto de Estudos Linguísticos do Departamento de Letras-Línguas/UFRJ. Professor do Programa de Pós Graduação em Linguística da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ/FPP.

*Hosana Sheila da S. Rosa Xavier*

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-5712-3401>

Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (FFP-UERJ), Especialista em Educação Inclusiva (UERJ) e em Psicopedagogia (UNIPLI). Graduada em Letras-Línguas (UFRJ) e em Pedagogia (UNILASALLE-RJ), professora de Língua Portuguesa do Centro Interescolar Ulysses Guimarães (CIUG).

Recebido em jun. 2024.

Aceito em nov. 2024.